

ENTRE PLANOS DE IMANÊNCIA E IFÁ: UM SUL DE INTERPRETAÇÃO PARA A GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA

*BETWEEN PLANES OF IMMANENCE AND IFÁ: A SOUTHERN INTERPRETATION
OF ALGORITHMIC GOVERNAMENTALITY*

*ENTRE PLANOS DE IMANÊNCIA E IFÁ: UM SUR DE INTERPRETACIÓN PARA LA
GUBERNAMENTALIDAD ALGORÍTMICA*

*Original recebido em: 30 de setembro de 2025
Aceito para publicação em: 27 de março de 2026
Publicado em: 09 de abril de 2026*

Luiz Carlos Pinto da Costa Jr
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Cássio Pereira Costa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo.

RESUMO

Este artigo sugere referências epistemológicas do Candomblé para a crítica da governamentalidade algorítmica em seu viés neocolonialista. Esse objetivo é conduzido a partir da experiência do Laboratório de Inovação do Ponto de Cultura Côco de Umbigada (mantido pelo terreiro de Candomblé Nagô Ilê Axé Oxun Karê, em Olinda, Pernambuco). Interessa-nos nesse ensaio as formas de relacionamento com sistemas técnicos que tornaram possível o desenvolvimento do game Contos de Ifá, que nos serve de estudo de caso. A análise dessa experiência aponta elementos emancipatórios de uma metodologia que se assenta sobre um plano de imanência afrobrasileiro e torna possível processos de individuação coletiva a partir de um imaginário sociotécnico no qual se materializa uma cosmopolítica de intervenção social e uma cosmopoética de refúgio. Além do estudo de caso, metodologicamente, o artigo se ampara em observação participante e análise documental.

Palavras-chave: Governamentalidade algorítmica; Candomblé; Afrocentrismo; Individuação; Civilização.

ABSTRACT

This article proposes epistemological references from Candomblé as a foundation for an Afro-centered critique of algorithmic governmentality. This objective is developed through the experience of the Innovation Laboratory at the Ponto de Cultura Côco de Umbigada (maintained by the Nagô Candomblé temple Ilê Axé Oxun Karê, located in the Guadalupe

neighborhood, Olinda, Pernambuco). The essay focuses on the forms of relationship with technical systems that made possible the development of the game *Contos de Ifá*, which serves as our case study. The analysis of this experience reveals emancipatory elements of a methodology grounded on a plane of immanence, enabling processes of collective individuation based on a socio-technical imaginary in which a cosmopolitics of social intervention and a cosmopoetics of refuge are materialized. In addition to the case study, the article is methodologically supported by participant observation and document analysis.

Keywords: Algorithmic Governmentality; Candomblé; Afrocentrism; Individuation; Public Civilization.

RESUMEN

Este artículo propone referencias epistemológicas del Candomblé como base para una crítica afrocentrada de la gubernamentalidad algorítmica. Este objetivo se desarrolla a partir de la experiencia del Laboratorio de Innovación del Punto de Cultura Côco de Umbigada (mantenido por el terreiro de Candomblé Nagô Ilê Axé Oxun Karê, ubicado en el barrio de Guadalupe, Olinda, Pernambuco). El ensayo se centra en las formas de relación con los sistemas técnicos que hicieron posible el desarrollo del juego *Contos de Ifá*, que sirve como estudio de caso. El análisis de esta experiencia revela elementos emancipadores de una metodología fundada en un plano de immanencia, que posibilita procesos de individuación colectiva a partir de un imaginario sociotécnico en el cual se materializan una cosmopolítica de intervención social y una cosmopoética de refugio. Además del estudio de caso, metodológicamente el artículo se apoya en la observación participante y el análisis documental.

Palavras-chave: Gubernamentalidad algorítmica; Candomblé; Afrocentrismo; Individuación; Civilización.

1. INTRODUÇÃO

Entre 2018 e 2022 conduzimos uma pesquisa na Grande Recife, em que buscamos por elementos pedagógicos que colocassem a experiência dos sujeitos negros e periféricos no centro do protagonismo com tecnologias de informação e comunicação. Queríamos compreender modos-de-fazer, estratégias e táticas de uso de redes, hardwares e softwares usados por coletivos de cultura em bairros com baixo índice de desenvolvimento humano. O interesse incluía experiências com programação, gameficação, análise de dados e produção de narrativas. Procurávamos identificar a partir de quais princípios e intencionalidades ocorriam apropriações de técnicas e tecnologias. Um aspecto que decorria desse enquadramento era: qual o nível da radicalidade que se poderia alcançar ao levantar tais questões?

A pesquisa gerou um mapeamento da inovação com comunicação, em metodologias, práticas de aprendizagem, artefatos digitais e narrativas de 31 grupos. Duas linhas operaram

de forma paralela no trabalho realizado nesse período e que mobilizou 10 estudantes de graduação (no âmbito do PIBIC) e dois professores, líderes do projeto.

Uma dessas linhas correspondia a analisar o impacto da inovação nas narrativas de emancipação e fortalecimento de identidade dos grupos. Noutro sentido, sob minha responsabilidade, procurava identificar as referências étnicas, metodológicas e culturais das experiências de aprendizagem e narrativas com as TICs. Esses objetivos eram atravessados por uma opção teórico-metodológica (mas também ética): partir da localização psicológica ou cultural do sujeito negro, adotando com isso a noção de afrocentralidade (Asante, 2009).

O campo nos mostrou ainda que as soluções técnicas encontradas pelos grupos eram resultado de processos de tentativa e erro; cópia e adequação de experiências noutras comunidades; de compartilhamento de saberes entre integrantes com diferentes expertises. Assim, acrescentamos à primeira aposta metodológica – a afrocentralidade –, a valorização da experiência como uma forma de saber, “que se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”, (Larossa, 2014, p. 30). Nos termos desse debate, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, cujas linguagens operam “não a partir de uma ontologia do ser e sim de uma lógica do acontecimento, a partir de um logos de acontecimento” (Larossa, 2014, p. 43).

Ao acionar vários métodos de investigação (observação participante, análise do conteúdo das mídias sociais, entrevistas e análise documental), sentimos a necessidade aplicar os conceitos de comunidades de prática (Antunes & Mesquita, 2022), pelo caráter quilombista das ações de apropriação, ensino e aprendizagem mapeadas. Aliás, o veio quilombista tornou-se mais evidente durante a Pandemia da Covid 19 (DA COSTA Jr., 2020).

Além desses fatores, todas as iniciativas acompanhadas eram engendradas por grupos sociais historicamente silenciados e que buscavam uma forma de sociedade mais justa. Alguns dos grupos possuem conexões com povos originários e africanos em suas referências discursivas e acionam uma enorme variedade de temas, viabilizando a circulação de conhecimentos no contexto de disputa social e luta por sobrevivência na Grande Recife¹.

¹ Má moradia e deslocamentos precários são índices de segregação. Seguindo os dados do Censo 2010, das 12 regiões metropolitanas brasileiras, com a exceção da Grande Goiânia, todas registraram crescimento no número de residentes em aglomerados subnormais entre 2000 e 2010. No Recife, enquanto escrevo, 24% de sua população vive em tais locais (assentamentos irregulares conhecidos como favelas, invasões, baixadas, comunidades, vilas, palafitas, entre outros) – eram 7% da população em 2000 (de Oliveira, 2025). A RMR apresentou também, entre 2003 e 2013, o maior crescimento do tempo de percurso de casa ao local de trabalho entre todas as demais RMs do país, movimento esse influenciado pelo forte adensamento urbano (Barbosa, 2015). Sabe-se de forma geral que a piora nas condições de mobilidade urbana afeta o grau de segregação entre pobres e ricos. Isso é particularmente verdadeiro para Recife, uma cidade densamente povoada (com 7.403,5 hab/ km² em 2015, a quarta maior densidade urbana do país).

Entre esses temas, agroecologia, política, educação, sexualidade, tecnologia, estética, cultura e, principalmente, saúde – sobretudo a partir do advento da pandemia da Covid-19. Também foi possível identificar o protagonismo feminino negro na articulação, produção de conteúdos e gestão de redes, atuando de forma a garantir o espaço de discussão voltado para a experiência feminina negra na sociedade brasileira.

Assim, o mapeamento nos revelou práticas resolutivas de organização circular (BISPO DOS SANTOS, 2015), e produção midiática para denúncias e cobranças do Poder Público sobre diversos temas caros às respectivas comunidades; campanhas educativas focadas em saúde; organização de rifas; educação midiática e pequenos negócios. Os processos de aprendizado e apropriação para que essas experiências se tornem realidade expressa as potencialidades da emancipação discutida por Jacques Rancière (2013), em que se aprende sem mestre explicador. O texto que segue apresenta alguns novos aportes teórico-metodológicos acionados para dar conta do que a aproximação e o envolvimento com o campo reivindicaram.

2. ALINHAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA E A QUESTÃO DA INDIVIDUAÇÃO

Em sua forma inicial, a pesquisa de mapeamento não considerava diretamente, os temas, conceitos e problemas de pesquisa que orbitam a emergência da governamentalidade algorítmica e das correspondentes formas de produção de conhecimento baseadas no tratamento automatizado de grandes massas de dados (Rouvroy & Berns 2018). Como se sabe, esse modelo vem progressivamente guiando as formas contemporâneas de poder e opressão – que, aliás, não são experimentadas da mesma maneira por populações racializadas e brancas, sobretudo em territórios periféricos (Jasley Rosa Nascimento, 2024).

Há uma variada produção bibliográfica que trata desde as implicações da governança algorítmica nas novas formas de exploração e precarização do trabalho (Figueiredo, 2019); da instrumentalização das dinâmicas sociais para experimentos e produção de conhecimento (Bruno et al, 2019; Dos Santos, 2004); passando pela modulação de comportamentos e práticas cotidianas na forma de uma cultura algorítmica (Garcia Ramirez & Valle Jimenez, 2020); pelo enviesamento das escolhas políticas (Cesarino, 2020); e pelo avanço dos processos de dataficação sobre as dinâmicas urbanas (Schiavi & Silveira, 2022) – entre muitas outras abordagens e objetos de investigação.

Neste ensaio, interessa-me especialmente refletir sobre as implicações da governamentalidade algorítmica para os processos de individuação e as possibilidades de emancipação. O influente artigo de Berns e Rouvroy (2018) oferece uma contribuição decisiva nesse debate. Segundo os autores, a governamentalidade algorítmica estabelece associações específicas entre o indivíduo e o meio, o que os leva a investigar a correspondência entre a governança algorítmica, a ontologia da relação de Gilbert Simondon e a metáfora do rizoma de Deleuze & Guattari. Propõem examinar se a relação entre indivíduos e meios técnicos é constitutiva, isto é, se nela se realiza a noção simondoniana de que a relação é a “ressonância interna de um sistema de individuação”. Nesse sentido, Berns e Rouvroy questionam se o metabolismo do “corpo estatístico”, encarnação contemporânea do conceito rizomático, seria de fato propício à emergência de formas de individuação emancipadas.

O funcionamento da perfilização algorítmica estaria em aparente harmonia com a superação da metafísica da substância, necessárias, na filosofia de Simondon, para os processos de individuação. É esse funcionamento que instiga a autora e o autor a verificar em que medida, em que condições, por meio de que reservas há compatibilidade entre a governamentalidade algorítmica e o caráter emancipatório tanto da teoria simondoniana da individuação transindividual, quanto da perspectiva rizomática deleuziana-guattariana (e, por tal, a superação do plano de organização pelo plano de imanência).

O que nos interessa nisso não é tanto a conclusão do artigo, que aponta para uma impossibilidade dos pontos de fuga emancipatórios. Como a autora e o autor indicam, o governo algorítmico dá às medidas estatísticas o estatuto de realidade objetiva, o que faz com que tanto o real quanto o indivíduo sejam reduzidos a reflexos dessas medidas, que são tratadas como se fossem entidades fixas, quase como indivíduos autônomos. Nesse sentido, as relações deixam de ser fluxos dinâmicos, e viram estados congelados, estáveis. Assim, essa operação inverte e anula a perspectiva simondoniana², para quem é necessário o devir metaestável, ou seja, a abertura para novos processos de individuação, que surgem justamente de tensões e instabilidades. Da mesma maneira, os autores mostram que a governamentalidade algorítmica não é necessariamente favorável à emergência de novas

² De início, Rouvroy e Berns observam que a “relação” na governamentalidade algorítmica é reduzida a correlações estatísticas que se apresentam como objetivas, “por sua própria capacidade de aparecer com a expressão não mediada e não subjetiva da realidade”. Isso faz com que tanto o real quanto o indivíduo se tornem “apenas relativos a uma série de medida que substitui a realidade”, isto é, a relação deixa de ser o espaço metaestável e criador pensado por Simondon e passa a ser “monadologizada”, transformada em estados fixos que anulam o movimento do devir.

formas de vida, com a ultrapassagem do plano de organização pelo plano de imanência porque, embora se apresente como uma prática “rizomática” e aparentemente a-normativa, ela opera, em última instância, como fechamento e não como abertura ao devir³.

Excluída a possibilidade de as individuações sejam disparadas no e por uma governamentalidade algorítmica, os autores afirmam que resistir exige resgatar o comum como espaço relacional de heterogeneidade e exercício da alteridade, onde diferenças e disparidades obrigam os indivíduos a se encontrarem e abrirem novos processos de individuação. Ou seja, os autores concluem que a aposta fundamental para resistir a esse modelo de governo é “salvar o comum”.

O que realço é que indicar o comum como essa garantia de individuação não é uma resposta suficiente, embora contemple o enquadramento que a reflexão de Berns & Rouvroy propõe: o ensaio não delimita sobre quem se projeta a governamentalidade algorítmica, sob a fé de que essa força social atua independente de contextos sociais, pessoas, espaços, graças a sua capacidade (ou pretensão) de total apreensão do real. Como tal, a noção de individuação é tomada de forma abstrata também, deslocada de sua materialidade. Conseqüentemente, a proposta de um comum é tão abstrata quanto os pressupostos dessa capacidade totalizadora –, inclusive como se todo comum pudesse ser igual⁴.

Para os interesses dessa reflexão, não é nem um comum abstrato nem processos de individuação genérica que se evidenciaram nas dinâmicas verificadas no campo dessa pesquisa. Já a noção de *cálculo de variações*, de Ramon Amaro e Murad Khan (2020) permite uma compreensão do objeto de investigação que foi se consolidando, à medida em que mais entrava no campo.

Essa dupla de pesquisadores se refere ao cálculo de variações como uma metáfora conceitual para compreender a individuação negra em um sistema racial metastável. Na matemática, esse cálculo busca identificar valores extremos (máximos e mínimos) de funções que descrevem processos contínuos, o que permite mapear como pequenas variações locais produzem efeitos globais sobre um sistema. Os autores transpõem essa forma de mapeamento do comportamento para o campo da ontologia racial e assim, o cálculo de variações indica

³ Ainda que o “corpo estatístico” lembre os princípios rizomáticos descritos por Deleuze e Guattari, ele não produz um devir emancipador. Ao contrário, multiplica perfis fragmentados de cada sujeito “sem alteridade”, fechados sobre suas próprias propensões, desejos presumidos e riscos. A consequência é que se tem, ao máximo, uma “forma de liberação”, mas não uma liberdade no sentido forte, pois o regime algorítmico tende a solapar as próprias bases da emancipação, esvaziando as noções de crítica e de projeto, e mesmo de comum.

⁴ Ademais, aos autores também não ocorreu que a virulenta apreensão da realidade social descrita por eles pudesse estar associada a um ethos colonialista. Esses fatores são fundamentais se a investigação deriva para uma tentativa de mapeamentos das possibilidades de individuação.

como o ser negro é continuamente posicionado entre limites extremos da percepção racial, que se expressa numa instabilidade entre a máxima sobrecarga da substância da raça⁵ e a mínima negação de sua humanidade. É essa condição de instabilidade que marca a existência negra: mesmo em um ambiente que parece fixo e estruturado pela equivalência racial, há sempre tensões latentes e micro variações que podem desencadear transformações.

O que é importante reter disso é que os extremos da percepção racial delimitam, mas também abrem, margens de variação. Nesse sentido, a individuação negra se articula como um campo metastável, portador de tensões e potenciais não resolvidos, capaz de gerar novas formas de ser e de conhecimento. Segundo os autores, nesse processo, a capacidade inventiva é fundamental, porque permite reconfigurar a relação entre indivíduo, coletivo e meio, deslocando a imagem do negro da passividade representacional para a potência de transformação.

A articulação entre uma noção (afrodiaspórica) de comum com essa noção de individuação negra, permitiu uma compreensão mais sistêmica das experiências acompanhadas⁶ no campo. Tanto processos de individuação quanto a constituição de planos de imanência se dão em torno de comuns agenciados (ou alimentados) no entorno da família-de-santo ou das comunidades litúrgicas de origem africana. Podemos dizer, seguindo Muniz Sodré (2010), que esse modelo singular de organização social contém traços de uma singularidade civilizatória que são costurados por equilíbrios metaestáveis e produzem bens comuns.

A metodologia de desenvolvimento do game Contos de Ifá expressa justamente uma forma de aprendizado pela experiência que não constitui um modelo (o que implicaria em cair na armadilha representacional), mas que se baseia em histórias e referências civilizacionais comuns, que também produzem bens comuns – não só na forma do game propriamente, mas sobretudo de uma metodologia que se individua continuamente.

3. COLONIALISMO, IMPOSIÇÃO CIVILIZACIONAL E INVESTIGAÇÃO POÉTICA

⁵ Para os autores, o ponto em que o imaginário racial branco impõe a maior intensidade possível de definição e captura da existência negra. Nesse extremo, a negritude é totalmente aprisionada pela lógica colonial: o corpo negro é reduzido àquilo que Fanon chama de *não-ser*, uma identidade esvaziada de humanidade, constituída apenas pela projeção do olhar branco. Ao passo em que a reflexão de Amaro & Khan denuncia essa sobrecodificação, também propõe uma filosofia da individuação em que se reconhece incompatibilidades, sensibilidades e excessos como oportunidades de produção de novos modos de existência e subjetividade.

⁶ Refiro-me às atividades educativas no LabCoco, o calendário de atividades do terreiro, as sambadas de Côco no início de cada mês e a dinâmica de convívio na comunidade, na maior parte das vezes, no Beco da Macaíba onde fica o LabCoco.

As abordagens que associam um sentido neo-colonial às infra-estruturas e ao negócio de dados e vigilância oferecem outras formas de constituir relação e com tais sistemas técnicos. São enquadramentos que reivindicam outras formas de investigação e de posicionamento diante dos problemas de pesquisa – para além da dimensão econômica que incide sobre aspectos políticos e subjetivos de grandes massas populacionais. Esse outro conjunto de abordagens também contribuiu para os contornos atuais da investigação a que se refere esse artigo, quando passei a considerar a dimensão civilizacional das implicações acima mencionadas.

A influente contribuição de Nick Couldry e Ulisse Mejias, sobretudo por meio do livro *The costs of Connection* (2019) sintetiza uma visada que combina economia política, teoria social e estudos críticos da informação para articular a necessidade (e as possibilidades) de resistência contra o colonialismo de dados. Para além do registro, dos diagnósticos e das análises desenvolvidas sobre a governamentalidade algorítmica e seus tentáculos, a abordagem que toma por base a tese de um colonialismo de dados (ou digital) oferece recursos e o argumento para inventar respostas a tais forças neocoloniais. É evidente, que além dessa dimensão, é também uma linha interpretativa calcada em uma historicidade, o que permite análises da dinâmica de poder em jogo que oferecem a possibilidade de resgatar diretrizes, padrões, aprendizados de resistências coletivas que já desempenharam papel importante na história de coletividades pós-coloniais.

Desse modo e a partir de tal influência, o problema da pesquisa derivado do mapeamento realizado entre 2018 e 2022, se concretizou na seguinte questão: em que medida os processos em andamento de produção de valor a partir de lógicas algorítmicas correspondem a uma modulação e imposição civilizacional? Outras questões associadas: considerando uma imposição desse tipo, quais outras referências civilizacionais podem ser acionadas de maneira contracolonial? Se existe mesmo uma genealogia rebelde na raiz do pensamento e das práticas de parcela substancial dos oprimidos deste continente (Zibech, 2022), o que podemos dela aprender? E, finalmente, que tipo de respostas contracoloniais são possíveis?

Na base dessas questões está a hipótese de que capitalismo de vigilância, as governamentalidades algorítmicas ou as múltiplas formas de expressão do colonialismo de dados são desdobramentos neocoloniais de uma agenda de imposição civilizacional que se

projeta para além da financeirização, da gestão de populações e da modulação das subjetividades – sem, no entanto, descartar nenhuma desses fronts.

O recurso à obra de Norbert Elias parece ser útil aqui. O sociólogo observou como sociedades em processos de transição moldam e impõem formas (instrumentos e sistemas) de condicionamento comportamental aos indivíduos. Esses padrões, como Elias mostrou, referem-se a questões de etiqueta, mas se referem de forma mais ampla a questões de ordem moral e ética, a transformações das estruturas sociais e de personalidade, a auto-reflexividade, códigos específicos de comportamento, costumes, desenvolvimento de conhecimentos científicos (e sua seletiva aplicação) e o nível de tecnologias (e suas consequências).

Voltando às questões iniciais mencionadas anteriormente, delas derivam dois fronts de reflexão: de um lado, a produção de uma crítica dos sistemas técnicos (e por decorrência da governamentalidade algorítmica), a partir dos mitos do Candomblé Nagô⁷. Nesse sentido, os mitos são representações coletivas que possuem a força constrangedora das tradições; mas constituem também mecanismos de operação lógica para apreender o real (Bastide, 2001, p.265). Operacionalmente essa crítica se expressa por meio de míticas de Orixás, que são acionadas como operadores analíticos e referências civilizacionais das dinâmicas bélicas, extrativistas, masculinistas e racistas associadas às principais expressões de um modelo civilizatório que subordina a vida a lógicas maquinicas.

O outro front refere-se à busca e sistematização de respostas pedagógicas à agenda neocolonial associada, numa tentativa de conexão à ideia de que a problemática colonial nos demanda respostas educativas (Rufino, 2019). Os Contos de Ifá são um importante caso no qual modos hegemônicos de compreensão e atuação com tecnologias são cruzados com referenciais tecnológicos subalternos e relações de ensino-aprendizado pautadas em uma cosmotécnica Nagô. Essa resposta educacional corresponde a uma pedagogia dos sistemas técnicos que parece resgatar uma dialética produtiva entre episteme, techné e poiesis (Flusser, 1982). Flusser indica como essa dialética produtiva foi dilacerada na modernidade com a objetificação da techné a serviço da ciência e rotulada como o único conhecimento válido (episteme). Por outro lado, a techné teria sido subjetivada, quando é interpretada como instância de produção de formas estéticas sem valor epistemológico.

Finalmente, outro aspecto metodológico diz respeito a uma (re-)orientação epistemológica e disposição de investigação que se ancora também na noção de Humanidades encantadas (Rodrigues, 2022). Ou seja, uma perspectiva de investigação que tem mostrado a

⁷ Refiro-me a certos Odus do corpo literário de Ifá, sonhos, testemunhos pessoais, relatos de casos e interpretações feitas em entrevistas narrativas.

necessidade de uma forma de pesquisar, escrever, pensar, inquirir a realidade por meio do acolhimento das filosofias, das expressões culturais, de saberes não ocidentais, ontologias não ocidentais, experiências estéticas, demandas existenciais, mas também por meio dos sentidos, do corpo, dos afetos, do mistério, da dúvida, da epifania, da imaginação, da ficção, da materialidade dos espectros e dos antepassados.

Essa é uma perspectiva metodológica que não apaga nem descarta os avanços obtidos pelos trabalhos de análise desenvolvidos por investigadores do Norte Global. Nesse sentido, um dos métodos colocados em prática opera mais uma fricção do que uma oposição entre o legado de pensadoras e pensadores do Norte global e as matrizes culturais fragmentadas na diáspora negra. Trata-se de um caminho de investigação que se baseia em uma poética (Glissant, 2021), que delinea uma narrativa filosofante, ou uma filosofia narrativa e articula um deslocamento poético da linguagem, a dimensão política da denúncia e a proposição de outras realidades simbólicas.

4. ESTUDO DE CASO

O Ilê Axé Oxun Karê é um terreiro de matriz Nagô⁸ que esteve localizado no Beco da Macaíba, Guadalupe, município de Olinda, estado de Pernambuco, até meados de 2024⁹. Sua contraparte associativa, o Centro Cultural Côco de Umbigada, ainda no mesmo endereço, integra desde 2003 a rede de Pontos de Cultura Programa Cultura Viva (Ministério da Cultura). Uma das ações¹⁰ do Centro é o Laboratório de Inovação do Pontão de Cultura Côco de Umbigada (LABCOCO), responsável pelo desenvolvimento da série de jogos online Contos de Ifá – além de diversos cursos de curta duração.

Ao final do segundo governo Lula e início do primeiro mandato da presidenta Dilma, o ponto de Cultura se viu diante de uma insólita e imprevista situação. A comunidade atendida pelo telecentro passou a ter computadores (e celulares) em casa, na já conhecida

⁸ Mas, como muitas outras comunidades de santo, também reverencia entidades da Jurema Sagrada – um culto que teve, inicialmente, como objeto de adoração, deuses e encantados de culturas de povos tradicionais. O culto gira em torno de uma árvore sagrada (Jurema, ou Mimosa Hostilis Benth, da família Fabaceae), cujas folhas são usadas para banhos e a casca, usada na confecção de um licor alucinógeno. Com o tempo, outros personagens se associaram à Jurema, como Malunguinho, rebelde que fundou em Itapissuma, também no Grande Recife, um quilombo, de intensa atividade cultural ainda hoje (PORDEUS JR, 2021).

⁹ Por questões de ordem estrutural, o terreiro mudou-se para o Riacho do Prata, comunidade localizada no bairro de Maranguape II, município de Paulista, vizinho a Olinda. Com isso, transferiram-se para lá também as atividades festivas e do calendário religioso do terreiro.

¹⁰ O Centro promove ainda a Sambada, no primeiro sábado de cada mês; oferece uma extensa cartela de formações para jovens da comunidade de Guadalupe; mantém uma rádio livre, a heróica Rádio Amnésia; um estúdio de gravação, e é a sede do Côco da Umbigada, do Afoxé Babá Funfun e do Coletivo Apejó. Estes três últimos, grupos musicais formados por integrantes da família de santo do Ilê.

ascensão social pelo consumo, estimulado pelas medidas socioeconômicas daquele governo (Zerbielli, 2016). Com isso, o telecentro havia perdido uma de suas principais razões de ser. Alguns dos articuladores e oficinairos, atuando em 2024, foram formados nas primeiras turmas, até 2008. Eles relatam que o acesso rápido aos modelos de conexão móvel (celulares e tablets) contribuiu para o esvaziamento do telecentro, e uma consequente queda no interesse pelos cursos oferecidos inicialmente – formações genéricas como webdesign e webmaster.

Uma das saídas encontradas pelo Ponto de Cultura para ressignificar a infraestrutura e dar continuidade à experiência com práticas de educação popular com mídias foi reorientar os objetivos e as metodologias de ensino-aprendizagem. Assim, o telecentro passou a investir no desenvolvimento de games para dispositivos mobile, formação em design, programação e sonoplastia orientados a jogos, como uma estratégia de articulação (e ativação) comunitária. Essa reorientação foi possível porque alguns dos filhos da casa¹¹ finalizaram, nos últimos 10 anos, cursos de graduação ou pesquisas de mestrado em Ciência da Computação e áreas afins. É esse percurso resumido do Telecentro Côco de Umbigada e agora LABCÔCO, nos últimos anos, que conduz à produção da série de jogos Contos de Ifá¹².

Ifá é um sistema divinatório (um oráculo) que possibilita acessar Orunmila, a divindade da sabedoria e do destino da tradição Iorubá. Também chamado Ifá-Orunmila, é o Orixá ao qual o povo Iorubá confia a resolução de seus anseios, problemas e conflitos. Esse sistema é formado por um corpo literário distribuído por 256 capítulos (odús), mas o número de versos (itans) em cada um deles é indeterminado. Faz parte do trabalho das¹³ e dos Babalaô (oficiantes do Ifá) memorizar o maior número possível dessas histórias e desenvolver a habilidade de aplicá-la às necessidades de seus consulentes, com as interpretações e associações que possam compreender o momento de vida, problema ou desafio que a pessoa sendo atendida tem diante de si. Tradicionalmente, o caminho para acessar o conhecimento de Ifá era através da divinação presidida pelo oficiante do oráculo. No Brasil, onde os Babalaô são reduzidos por causa do sistema escravocrata (Prandi, 2005), essa tarefa foi incorporada ao trabalho dos pais e mães de santo (Babalorixás e Ialorixás)¹⁴.

¹¹ São pessoas que foram iniciadas no terreiro e mantêm obrigações religiosas com o lugar. Ou seja, mantêm um convívio contínuo que se desdobra na participação nas atividades do Pontão, cujo solo/base de orientação, valores e demandas é o terreiro.

¹² Cf.: <https://contosdeifa.com.br/>

¹³ A flexão de gênero se deve aos estudos de Oyèwùmí, que tem mostrado que o babalawo não é, necessariamente, um cargo reservado aos homens, mas uma condição de especialidade e habilidade na leitura do Ifá, que pode ser alcançado por homens e mulheres.

¹⁴ No entanto, o culto de Ifá tem aumentado no Brasil nos últimos anos, com o correspondente aumento de número de babalaôs ativos (SANTOS, 2023).

Após a consulta ao oráculo, as recomendações de Ifá para solução dos problemas ou obtenção de algum objetivo são direcionadas, individualmente, a uma pessoa, mas também são aplicáveis a demandas e dúvidas coletivas, a depender do caso. Ifá adquiriu importância hegemônica em relação a outros oráculos graças ao interesse por parte de elites econômicas Iorubás e estudiosos europeus e estadunidenses, sobretudo ao longo do final do Século XIX e início do Século XX (Oyěwùmí, 2004).

Já os Contos de Ifá, desenvolvido no LABCÔCO, é um game¹⁵ que não somente se baseia em alguns dos Odu, como gamefica histórias desse oráculo. Nesse sentido, o game foi desenvolvido também buscando “promover experiências em novas mídias para inflar o universo da criação dos jogos eletrônicos brasileiros com características comuns e presentes nas comunidades tradicionais e periféricas do Brasil”, (Revista sobre os Laboratórios de Inovação Cidadã Contos de Ifá, 2016).

A metodologia de criação do game revela uma face mais profunda dessa experiência, pois o tema de cada um dos jogos¹⁶ é resultado da prática divinatória. Esse aspecto é central na primeira das três etapas, ou Preparação. Ela consiste em uma consulta de uma Yalorixá ou Babalorixá ao oráculo de Ifá¹⁷, momento no qual há definição de qual Odu e quais Itans devem fornecer a história a ser roteirizada.

Passa-se, então, à segunda etapa, de Ação, na qual a juventude se divide em equipes (design, programação, música e comunicação) e organiza uma agenda para realizar as tarefas necessárias a fim de finalizar o trabalho. Uma equipe de mediação (mestre, designer e desenvolvedor) lidera as equipes e aplica metodologias ágeis para cumprir os objetivos estipulados. Em geral, a equipe de mediação é formada por integrantes do terreiro com mais experiência e formação técnica concluída – graduados ou mestres em Ciência da Computação, como já mencionado.

O Odu e os itans prescritos na consulta são apresentados, contados e discutidos coletivamente. A partir daí é representado em desenhos e colagens feitos por crianças e adolescentes que integram o processo. Depois esse material serve para ilustrar os frames do game. A roteirização do que ocorre no jogo segue o que os Itans do Odu contam, e também é feito de forma coletiva. Entre o que o Oráculo aponta e a produção final da história, múltiplos

¹⁵ Na verdade, são oito jogos que rodam em plataforma web e um módulo desenvolvido para mobile, todos sob o mesmo endereço URL (contosdeifa.com). No transcorrer do artigo nos referimos ao game no singular, mas registrando que são mais de um jogo efetivamente.

¹⁶ Foram desenvolvidos oito jogos, enquanto escrevo, seis deles disponíveis publicamente para jogar.

¹⁷ Importante observar que todas as consultas foram feitas pela sacerdotisa do Ilê Axé Oxum Karê, Mãe Beth. Mas o método pode ser replicado noutros lugares e, nele, a consulta deve seguir essas diretrizes.

aspectos relacionados às lições éticas do Odu são discutidos pelo grupo. As dinâmicas procuram discutir episódios e situações contemporâneas a partir dessas diretrizes.

A sonoplastia e efeitos sonoros são produzidos a partir dos instrumentos de percussão usados nos rituais da Casa e nas apresentações musicais, também em oficinas que reúnem aqueles e aquelas com interesse “na brincadeira”. O processo privilegia a vivência oral das histórias ancestrais, acresce a formação cultural de iniciados e não iniciados no Candomblé que participam das dinâmicas de construção do game e a todos contribui para uma identificação étnica e cultural, na medida em que as histórias originais que embasam os roteiros estão impressas na história dos povos de matriz africana e das diásporas negras.

Verifica-se, sem dúvida, uma condução da experiência, que até o momento em que escrevo criou oito jogos. No entanto, o processo também é aberto ao acontecimento, a derivações, imprevistos e imponderáveis, ao mesmo tempo em que contribui para o que Rancière chamou de uma consciência de emancipação, ou seja, “um inventário de competências intelectuais”, e a capacidade de refletir sobre elas, sobre a maneira como as adquiriu (Rancière, 2013, p. 61). Em sua investigação sobre processos educativos em que se aprende com o ignorante, o filósofo comunica a preocupação em se reconhecer que não há duas inteligências. Ou seja, que é um erro opor “os saberes manuais e do povo, a inteligência do instrumento e do operário à ciência das escolas ou a retórica das elites” (Op cit, p. 61).

É justamente essa a dinâmica, central nas jornadas de desenvolvimento dos games, que rearticula a tal dialética produtiva a que Flusser se refere, mencionada anteriormente. Habilidades técnicas (techné), força de realização (poiesis) e a discussão valorativa, ética e conceitual (episteme) se reencontram, compondo o modus operandi básico das oficinas de produção que integram a metodologia. A terceira etapa do processo consiste na Divulgação, na qual uma equipe de comunicação fica responsável pela divulgação dos jogos nas redes sociais.

O que o conjunto de Jogos Contos de Ifá¹⁸ coloca em prática é uma dupla pedagogia narrativa. Em primeira instância, temos um processo de aprendizado sobre a própria economia de trocas e de relações da comunidade de terreiro (ou seja, entre pessoas, forças da natureza, seres encantados, animais, ancestrais), materializando o que Juana Eiben (1976) identificou como o princípio dinâmico do Candomblé. As trocas começam com a consulta ao oráculo,

¹⁸Até agora já foram desenvolvidos nove jogos, baseados em Odus dos Orixás Exu, Ogun, Odé, Obaluaê, Ossain, Ibeji, Odojá, Oxum e Iansã.

que responde qual Odu tematizará o jogo, quais itans o formatarão. A troca continua nos preceitos e tarefas para a boa realização do trabalho, que Oráculo também pontua. As trocas se intensificam no processo de compartilhamento de conhecimentos, nas dinâmicas de escrita do roteiro e construção das funcionalidades, locuções, engines, movimentos. Aprende-se a partir de narrativas, desenvolvendo modos de existência e de relação com objetos técnicos para produzir narrativas.

Em uma segunda instância, todo o trabalho de desenvolvimento é compreendido, ao menos entre os filhos da casa, como uma ação em que podem participar os personagens conceituais (a Ialorixá, o Babalorixá, o griot, o bamba, a (o) jogueira (o), mas também todos os Orixás (Exu, Oxalá, Obatalá, Ogun, Oxóssi, Oxum, Xangô, Ossaín, Yemanjá, entre outros.), inquices (Ingira, Inkosi, Mutacalambô, Gongobira etc.), Voduns (Dambirá, Sapatá, Heviossô etc), entre muitos outros (Nogueira, 2011, p. 4).

O que se deprende dessas duas camadas é ele próprio resultado de um plano de imanência de afroperspectividade, em que *traçados, invenções e criações* de devires negros dançam e apontam relações outras com as possibilidades técnicas e tecnológicas atuais. Esse plano de imanência, por seu turno, é o próprio sistema cosmológico, formado pelo Candomblé, nos quais os indivíduos se distinguem entre si por potências – volto a isso mais embaixo.

É nesse sentido que os jogos transcendem a tarefa do mero resgate folclórico. O que está verdadeiramente em jogo é a disputa pelo direito de existência – o que significa a garantia de processos de individuação físicas, vivas e psico-coletivas, como queria Simondon (2020). A experiência coletiva de criação do jogo, o que o antecede e o que lhe segue se associa ao processo de individuação negra. A base para isso é formada pelo compartilhamento de situações instáveis, disparadores que impulsionam, um imaginário, técnicas e metodologias que vão se individuando como bens comuns inescapavelmente heterogêneos, delimitados, territorializados e efemerizados por essa comunidade de santo.

É este o aspecto mais precisamente contracolonial e emancipador da experiência que acontece no LABCOCO. Pois não nos esqueçamos que todo investimento que dá continuidade e expande a agenda colonial é sempre um investimento na morte. Não é diferente com o colonialismo de dados e suas formas de expressão. É bem conhecida a matriz dominação a que tais coisas estão vinculadas. Elas atentam contra a subjetividade, investem na escassez da multiplicidade de e nos seres, e apostam, enfim, no desencantamento da vida e das relações (RUFINO, 2019).

A experiência de desenvolvimento dos jogos, no entanto, exprime uma experiência de reconexão da dialética produtiva de Flusser. Mas, EM termos fenomenológicos, o que ocorre é a produção de multiplicidades expressivas, relacionais, de temporalidades. Em termos tecnológicos, impõe-se outro modelo de relacionamento com objetos e sistemas. Em termos coletivos, o cultivo de bens comuns.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso dos Contos de Ifá até agora analisado parece responder ao apelo de Sony Labou Tansi¹⁹ por “reinventar tudo: os conceitos, as abordagens, os hábitos, os métodos, as ferramentas, as nações, os espaços...” (Tansi, 1992), a fim de conjurar o cosmocídio. Dénètem Touam Bona (2020) retoma esse mesmo esforço nomeando-o de cosmopoética do refúgio.

Por esse termo, Bona se refere a uma multiplicidade de experiências sociais e políticas, que se espriam por cerca de quatro séculos pelos territórios das Américas, irrigando as lutas contemporâneas por meio de práticas culturais (maloca, capoeira, cultos afrodiáspóricos, o samba, quilombos, o marronismo, etc.) e que, por reativarem a visão das vencidas e dos vencidos subvertem a ordem dominante. A experiência mais popularmente conhecida de cosmomopoética de refúgio no Brasil é a instituição do Quilombismo, analisado e sistematizado por Abdias Nascimento (2019).

Nesse sentido, a metodologia de produção dos Contos de Ifá é resultado do acionamento dessa cosmopoética do refúgio, uma deriva autonomista e comunitarista de apropriação tecnológica, mas sobretudo de vivência de um comum que a comunidade de santo e só ela pode elaborar. Essa matriz deriva das dinâmicas coletivas, claro, mas também de uma cosmologia, alimentada continuamente.

Todo o conjunto de experiências vivenciadas nos últimos anos na produção dos Contos de Ifá sinaliza, assim, uma perspectiva que confronta o conceito de tecnologia em si e mais especificamente, os pressupostos ontológicos e epistemológicos concretizados (embutidos) nas tecnologias pelo Ocidente. Em sintonia com a obra de Yuk Hui (2020), essa experiência tem permitido a viabilidade do desenvolvimento e do fortalecimento da tecnodiversidade.

¹⁹Poeta, dramaturgo, romancista e ensaísta congolês.

Para além disso, a metodologia desenvolvida pelo Ilê Axé Oxum Karê permite uma aproximação da noção de uma cosmotécnica de aprendizado, na medida em que se coloca como um processo de mediação entre a Natureza (representada pelas entidades do panteão iorubano) e a os códigos de conduta associados aos Odus, que definem os caminhos de construção dos jogos, em cujo processo acontecem dinâmicas de aprendizado, mas sobretudo processos de individuação pessoal e coletiva.

Refletir sobre cosmotécnicas, baseadas em diversas epistemologias e epistemes, é uma condição para a emergência de cosmopolíticas associadas – condição necessária também para a imaginação de futuros tecnológicos que desviem do padrão homogêneo de relacionamento com as tecnologias. É nesse sentido que os temas elencados nos jogos e suas lições éticas, a formação de comunidades, a procura pelo combate ao racismo estrutural e a própria formação dos jovens que passam pela experiência inspiram uma cosmopolítica de intervenção social.

A experiência do game Contos de Ifá parece sintetizar esses elementos ao mesmo tempo em que se caracteriza por um viés emancipador. O modo de produção no LABCOCO se assenta sobre um plano de imanência próprio, inseparável da cosmopoética que organiza tanto o terreiro do Ilê Axé Oxun Karê quanto o próprio Centro Cultural Côco de Umbigada. Esse plano não está dado previamente, mas emerge no entrelaçamento das práticas de oralidade, da consulta ao oráculo de Ifá e da coletividade que se reconhece nas narrativas ancestrais.

REFERÊNCIAS

AMARO, Ramon; KHAN, Murad. Towards black individuation and a Calculus of Variations. *e-Flux Journal*, n. 109. Disponível em:

<https://www.e-flux.com/journal/109/330246/towards-black-individuation-and-a-calculus-of-variations>

ANTUNES, M. T. ; MESQUITA, RUI. . Nós para Atar e Desatar: relações entre educação e cultura. 1. ed. Recife: Editora da UFPE, 2019. v. 1. 100p

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentralidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BARBOSA, M.R.M. Condicionantes da Mobilidade Urbana: Uma Análise Empírica para a Região Metropolitana do Recife. 2015. Dissertação (Mestrado em Economia). Programa de Pós-Graduação em Economia/PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BERNS, Thomas; ROUVROY, Antoinette. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação? In: BRUNO, Fernanda et al. (Org.). *Tecnopolíticas da vigilância – perspectivas da margem*. São Paulo, SP: Boitempo, 1a ed., cap. 4, pp. 107-139, 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. *Colonização, quilombo - modos e significações*. Brasília: INCTI, 2015.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 3, e33095, 2019.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, p. 92-120, 2020.

COULDRY, N. & MEJIAS, U. (2019). *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford: Stanford University Press.

COSTA JÚNIOR, Luiz Carlos Pinto da. Tempo Ogúnico: uma interpretação da agenda neocolonial contemporânea a partir de personagens conceituais do Candomblé Nagô. *Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*, ISSN: 2358-5684, 2021.

COSTA JÚNIOR, Luiz Carlos Pinto. Redes de aquilombamento contra a COVID -19: uma análise das estratégias de coletivos populares na grande Recife. *COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (ONLINE)*, v. 21, p. 116-134, 2020

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DE OLIVEIRA, T. G.; SILVEIRA NETO, R. da M. SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL NA CIDADE DO RECIFE: UM ESTUDO DA SUA CONFIGURAÇÃO. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, [S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 71–92, 2016. Disponível em: <https://revistaaber.emnuvens.com.br/rberu/article/view/115>. Acesso em: 22 set. 2025

DOS SANTOS, Luciane Lucas. *Comunicação e novas tecnologias: mineração de dados e algoritmização do conhecimento*. Tese (Doutorado) - UFRJ, 2004.

FIGUEIREDO, C. (2019). Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. *Revista Eletrônica Internacional De Economia Política Da Informação Da Comunicação E Da Cultura*, 21(1), 156–172. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/10921> .

FLUSSER, V. “Criação científica e artística”. In: Conferência Maison de la Culture, Chalon s/ Saone, s.p., 1982. Manuscrito disponível no Arquivo Flusser, Berlim.

GARCÍA RAMÍREZ, Diego; VALLE JIMÉNEZ, Dune. Los impactos de la ideología técnica y la cultura algorítmica en la sociedad: una aproximación crítica. *Revista de Estudios Sociales*, n. 71, p. 15-27, 2020.

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. São Paulo, SP: Bazar do Tempo, 2021.
GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e futuro social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 241-252, mai/ago. 2007

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020.

JASLEY ROSA NASCIMENTO, C. PANOPTISMO COMO EXPRESSÃO
NEOCOLONIAL: RACISMO ALGORÍTMICO E A VIGILÂNCIA DOS CORPOS
NEGROS. *Frontistés - Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia*, Santa Maria, RS, v. 17, n. 32, 2024. Disponível em: <https://revistas.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/view/146>. Acesso em: 29 set. 2025.

LAROSSA, Jorge. *Tremores – Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. *Griot – Revista de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 1-19, dez. 2011.

OYËWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. (in) ARNFRED, Signe; BAKARE-YUSUF, Bibi; KISIANG’ANI, Eduard Waswwa. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. Dakar: Codesria, 2004.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. *Itan dos Mais Velhos*. Ilhéus: Editora da UESC, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRIMO, Guilherme. Governamentalidade algorítmica e a rarefação dos processos de subjetivação. *Opinião Filosófica*, ISSN 2178-1176. Fundação Fênix.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

RODRIGUES, Thamara. Humanidades Encantadas: sobre vida, futuro e sonho. *HH Magazine: Humanidade em Rede*, 26 jan. 2022.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Jamile Dantas Nascimento. *Culto a Ifá no Brasil: tempo e destino numa tradição afro-cubana*. Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Pós-graduação em Psicologia. Ribeirão Preto, 2023.

SCHIAVI, I.; SILVEIRA, S. A. A cidade neoliberal e a soberania de dados: mapeamento do cenário dos dispositivos de dataficação em São Paulo. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 14, e20210145, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio. Umbandas – Uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

SODRÉ, Muniz. Sobre a identidade brasileira. IC - Revista Científica de Información y Comunicación, n. 7. pp. 321-330. 2010.

TEIXEIRA, Carla; DA COSTA JÚNIOR, Luiz Carlos Pinto; LIMA, Letícia; TOMAZ, Conceição. Coletivo Sargento Perifa: Inovação periférica, comunicação e antirracismo na construção de narrativas identitárias no Grande Recife. In: *46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023*, Belo Horizonte. *Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Edição digital*. São Paulo: Intercom, 2023.

TEIXEIRA, Carla; LIMA, Letícia; TOMAZ, Conceição; DA COSTA JÚNIOR, Luiz Carlos Pinto. Inovação, aquilombamento e interseccionalidade em contextos periféricos: uma revisão bibliográfica. In: *45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022*, João Pessoa. *Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2022.

ZERBIELLI, Adriano Gustavo. Ascensão social pelo consumo e projeção internacional do Brasil no governo Lula. *Revista Contraponto, [S. l.]*, v. 3, n. 1, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/65733>. Acesso em: 21 set. 2025.

ZIBECHI, Raúl. Territórios em rebeldia. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

Luiz Carlos Pinto da Costa Jr

Doutor e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência como jornalista em cargos de repórter e editor por já ter trabalhado em assessoria de imprensa, no Diário de Pernambuco, entre 1998 e 2007, nas editorias de Cidades, Informática e Economia. Atualmente é docente permanente e Coordenador do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Indústrias Criativas e professor do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). As pesquisas que desenvolve têm ênfase em estudos de-coloniais da ciência e tecnologia, pedagogias afroperspectivistas e tecnologias livres.

Cássio Pereira Costa

Cássio Costa é jornalista e fotógrafo, mestrando em Comunicação, Mídias e Formatos Narrativos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integra o Grupo de Estudos em Experiência Estética: Comunicação e Artes (GEEECA).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional